

## POESIAS

## Luz e poeira

A A. BARREIROS

Quando paira a lua calma  
pela vasta immensidade,  
hora em que as petalas d'alma  
bate a brisa da saudade,

em que das nevoas errantes  
treme o véu incerto e leve,  
como suspiros brilhantes,  
como soluços de neve,

qual da luz ao peso, o lyrio  
curva e esgota o collo cheio,  
tambem de estranho martyrio  
exhala o pranto meu seio.

São as lucidas chimeras,  
de out'ora, — mundos risonhos,  
brancos diluvios de sonhos,  
das passadas primaveras.

Das minhas rotas auroras  
vão me passando em segredo  
as constellações sonoras  
que se partiram tão cedo.

De novo traçada a curva  
no céu das minhas lembranças  
imprime a lagryma turva  
de finadas esperanças.

Batendo as azas na treva,  
ave do meu pensamento,  
onde arrastada vos leva  
o sopro errante do vento?

Passae, castellos brilhantes  
que ideei na phantasia!  
Ondas de pó inconstantes!  
Notas de extinct aharmonia!

Sombras de um sol apagado!  
Perfumes de murchas flores!  
Larvas de um sonho gelado!  
Fatuos phantasmas de amores!

Correi no meu pensamento  
bem como espectros funereos,  
pisando o marmor poento  
das lousas dos cemiterios!

Visões lucidas e tredas  
de tanto ideal desfeito,  
não acordeis, — durmam quedas  
as illusões no meu peito!

S. Paulo — 1876.

THEOPHILO DIAS.

## Pejo posthumo

Quando Alice morreu hontem,  
ao triste cahir do dia,  
depuz sobre a terra fria  
da morte a branca visão...  
Antes de dal-a ao caixão,  
tomado de certo aneio,  
busquei descobrir-lhe o seio  
do lado do coração...  
Aquelle corpo já frio  
dir-se-ia ressuscitou!  
Ai! não foi crença illusoria...  
aquella face marmorea  
depois de morta — corou!

LINS DE ALBUQUERQUE